

FACULDADE TEOLÓGICA BETÂNIA - FATEBE

BACHARELADO EM TEOLOGIA

LEONARD MÚNERA VILLAMIL

O MÉTODO HISTÓRICO-GRAMATICAL: DE ANTIOQUIA À REFORMA
PROTESTANTE, UMA ANÁLISE INICIAL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aprovado em ____/____/____

Assinatura Professor

CURITIBA

2025

LEONARD MÚNERA VILLAMIL

O MÉTODO HISTÓRICO-GRAMATICAL: DE ANTIOQUIA À REFORMA
PROTESTANTE, UMA ANÁLISE INICIAL

Orientador

Me. Rodrigo Rangel

CURITIBA

2025

O MÉTODO HISTÓRICO-GRAMATICAL: DE ANTIOQUIA À REFORMA PROTESTANTE, UMA ANÁLISE INICIAL

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar uma análise abrangente do método histórico-gramatical de interpretação bíblica, demonstrando sua utilidade e relevância nos estudos exegéticos e interpretativos da Bíblia. Inicialmente, será feito um breve exame do desenvolvimento histórico do método, destacando sua importância e influência na preservação da doutrina cristã. Em seguida, será realizada uma descrição detalhada do método, refletindo os cuidados necessários no processo interpretativo. Finalmente, o método será aplicado a um pequeno texto bíblico, ilustrando a descrição e esclarecendo a teoria exposta. Conclui-se, portanto, que o método histórico-gramatical continua a ser relevante para a exegese bíblica contemporânea e constitui uma excelente ferramenta na análise das Sagradas Escrituras.

PALAVRAS-CHAVE: método histórico-gramatical, exegese, Bíblia

ABSTRACT

The objective of this article is to present a comprehensive analysis of the historical-grammatical method of biblical interpretation, demonstrating its utility and relevance in exegetical and interpretative studies of the Bible. Initially, a brief examination of the historical development of the method will be conducted, highlighting its importance and influence in the preservation of Christian doctrine. Subsequently, a detailed description of the method will be provided, reflecting the necessary care in the interpretative process. Finally, the method will be applied to a short biblical text, illustrating the description and clarifying the theoretical exposition. It is concluded, therefore, that the historical-grammatical method remains relevant for contemporary biblical exegesis and constitutes an excellent tool in the analysis of the Holy Scriptures.

KEYWORDS: historical-grammatical method, exegesis, Bible

INTRODUÇÃO

O estudo sobre o método histórico-gramatical de interpretação bíblica foca em explorar como o método se formou e evoluiu ao longo dos séculos, desde os primeiros exegetas cristãos até os reformadores protestantes. O passado, como destaca Eric Hobsbawm (2004, p. 17), é um elemento essencial para compreender e legitimar o método, cujo objetivo é interpretar a bíblia de forma literal, respeitando o contexto histórico e a gramática dos textos sagrados. E além de tudo o anterior, este método se diferencia da hermenêutica ontológica e filosófica, se situando numa perspectiva de leitura da bíblia que valoriza o contexto social e histórico e as intenções originais dos autores bíblicos.

A pesquisa está dividida em três momentos: primeiro, o desenvolvimento histórico do método, desde suas origens na escola de Antioquia, passando pela sua evolução na tradição ocidental medieval, e até chegar a sua consolidação na Reforma Protestante. Segundo, uma descrição do método, onde se explana o passo a passo e se explica a importância de cada um deles. E terceiro, uma breve aplicação do método, onde um pequeno texto das Escrituras é utilizado para exemplificar como se executa a exegese desde a visão histórico-gramatical. No final, uma conclusão que reafirma a importância do método e a relevância da sua aplicação para um profundo e sadio entendimento do que as Sagradas Escrituras falam para a humanidade.

1. RESUMO HISTÓRICO

Para uma melhor compreensão da evolução histórica do método, faz-se necessário traçar uma linha do tempo. Iniciando na Escola de Antioquia e finalizando na Reforma Protestante, não que o método não seja mais utilizado, pelo contrário, mas para que este recorte fique mais objetivo.

1.1 Origens da Escola de Antioquia: literalismo e realismo histórico

Foi o Karl A. G. Keil, no século XVIII, quem criou o termo 'método histórico-gramatical'. Porém, suas origens se encontram na Escola de Antioquia, desenvolvida nos primeiros séculos do cristianismo. Contudo, antes dela começar a dar os primeiros passos, existiam já dois métodos hermenêuticos muito utilizados, os quais eram o literal e o tipológico (COELHO, 2014, pp. 42-43).

De acordo com Dockery, o literalismo focava no contexto sociocultural, já em relação à intenção do autor ou ao entendimento dos ouvintes originais, e se empregava principalmente em textos com viés moral. Por outro lado, o método tipológico seguia o exemplo de Jesus enquanto a ideia de que os acontecimentos do Antigo Testamento prefiguram os do Novo Testamento. Naquele momento, a ênfase interpretativa dos dois métodos era claramente cristológica (DOCKERY, 2005, p. 78).

As heresias do gnosticismo e do arianismo, após provocar a aparição dos credos dos séculos IV e V, levaram também ao surgimento da nova escola interpretativa de Antioquia, “marcada pelo realismo bíblico cuja tendência era fazer sobressair os aspectos históricos e humanos de Cristo, sem negar, no entanto, sua origem divina” (COELHO, 2014, p. 47). Lázara Coelho continua a explicar o propósito dessa escola assim: “a exegese antioquena estava envolvida tanto com esclarecimento espiritual e doutrinário, quanto com os fatos históricos e filológicos” (Ibidem, p. 48).

A escola de Antioquia defendia a interpretação literal e tipológica das Escrituras, focando na cristologia como o elemento central. Dois dos grandes representantes dessa escola foram Teodoro de Mopsuéstia (ca. 350-428 d. C.) e João Crisóstomo (ca. 347-407 d. C.), os quais rejeitaram o alegorismo dominante da Escola de Alexandria, e se dedicaram à compreensão histórica e literal do texto bíblico.

Teodoro de Mopsuéstia foi um reconhecido exegeta, comentarista e teólogo muito competente, ordenado presbítero em Antioquia no ano de 383 e bispo da Mopsuéstia, Cicília, em 392. É chamado o príncipe dos exegetas antigos, e escreveu diferentes comentários bíblicos, entre os que se destacam os feitos aos colossenses e tessalonicenses. Ele “propôs uma compreensão que levasse em conta a gramática e a formação histórica do texto, a fim de descobrir o sentido que o autor quis dar. Deu atenção especial ao contexto imediato e remoto do texto” (CAIRNS, 2008, p. 121).

João Crisóstomo, cujo significado é ‘boca de ouro’, foi chamado assim por causa da sua eloquência, adquirida numa profunda formação na retórica e nos clássicos gregos. Foi advogado, monge e feito patriarca de Constantinopla no ano de 398. Sobreviveram cerca de 640 de seus sermões, os quais focam

principalmente nas epístolas de Paulo. Não fez investigação crítica do Antigo Testamento por não possuir conhecimentos em hebraico, porém “destacou a importância do contexto e procurou descobrir o sentido literal dado pelo autor e fazer uma aplicação prática desse sentido aos problemas das pessoas de sua época”. Desde sua posição, “não deveria haver divórcio entre moral e religião; a cruz e a ética devem caminhar de mãos dadas” (CAIRNS, 2008, p. 120-121).

Em Antioquia se ressaltava a importância do contexto histórico para uma correta interpretação das Escrituras, e os estudiosos de lá acreditavam que os eventos descritos na bíblia tinham, além de um significado espiritual, a suficiente veracidade histórica para que a verdade divina fosse compreendida. Esse viés se diferenciava da Escola de Alexandria, pois esta enxergava as Escrituras como uma alegoria de significados literais profundos que transcendiam o elemento literal.

Os máximos representantes da escola de Antioquia são: Teófilo de Antioquia (ca. 120-180 d. C.), Luciano de Samosata (ca. 240-312 d. C.), Diodoro de Tarso († 394 d. C.), Teodoro de Mopsuéstia (ca. 350-428 d. C.) e João Crisóstomo (ca. 354-407 d. C.). Nesse momento o Método Histórico-gramatical se encontrava em um estado embrionário, mas já era possível identificar alguns dos seus princípios, como, por exemplo, uma crítica social cuidadosa, estudos filológicos e históricos, ênfase ao sentido literal do texto, prática exegética tipológica, executabilidade do arranjo original e na exploração do texto histórico, busca do significado tipológico, antialegorismo persistente, defesa do registro do desenvolvimento histórico do plano redentor, defesa da interpretação tipológica da lei e dos profetas (entenda-se Cristo), e finalmente as interpretações crítica, literal, gramatical e histórica das Escrituras (COELHO, 2014, p. 50-51).

1.2 A Escola de Alexandria, a alegoria e o significado espiritual

De outro lado, figuras como Clemente de Alexandria e Orígenes, faziam uma interpretação alegórica dos textos sagrados. Por exemplo, Orígenes desenvolveu um sistema de triplo significado: literal, moral e espiritual, e declarava a importância do sentido literal, mas nunca por cima do espiritual, que considerava o verdadeiro propósito das Escrituras.

A hermenêutica alegórica de Orígenes tinha como alvo desvelar os

mistérios escondidos nos textos bíblicos, o que deveria levar a uma compreensão profunda da revelação divina. Assim, entendia a bíblia como fonte inesgotável de significados espirituais que precisam ser descobertos através da interpretação simbólica e alegórica. Esse ponto de vista tinha uma clara influência platônica, filosofia que entendia o mundo material como uma sombra do espiritual (KAISER JR, 2002, p. 212). Isso não significava, em momento nenhum, que ele não acreditasse na inspiração divina da bíblia, mas sim na necessidade de um método diferente ao literal para interpretá-la (COELHO, 2014, 45-46).

No caso de Clemente, ele pensava que a interpretação literal era o ponto de partida para a compreensão bíblica, mas precisava da alegoria para atingir a exegese, ou seja, para transportar a história narrada a uma época diferente e contextualizá-la. Assim, metáforas, parábolas e outras variantes literárias seriam os meios para encontrar os significados profundos das Escrituras (DOCKERY, 2005, p. 79).

1.3 Rejeição do alegorismo e desenvolvimento no Ocidente

A Escola de Antioquia se opôs radicalmente ao alegorismo da Escola de Alexandria, sob argumentos de que seus métodos ofuscavam o significado verdadeiro das Escrituras. Pelo contrário, defendiam a interpretação tipológica, na qual personagens e eventos do Antigo Testamento eram vistos como prefigurações da pessoa de Cristo. A tipologia permitia que os intérpretes mantivessem a integridade histórica dos acontecimentos bíblicos, ao tempo que podiam reconhecer o significado espiritual.

Por sua parte, João Crisóstomo, quem defendeu a exegese literal e gramatical, quis explicar o significado dos relatos bíblicos dentro do seu contexto histórico, sem tentar explanações alegóricas. Esse foco foi de grande influência no posterior desenvolvimento do método histórico-gramatical, principalmente durante a Reforma Protestante.

Após o primeiro período das escolas de Alexandria e Antioquia, o método continuou a evoluir, dessa vez na mão dos Pais latinos, como Jerónimo e Agostinho. O primeiro, que ficou famoso pela sua versão bíblica da Vulgata, defendeu a importância do sentido literal dos textos sagrados, mesmo sem ter

abandonado completamente o método alegórico (DOCKERY, 2015, p. 109).

Agostinho desenvolveu um olhar mais sistemático da hermenêutica bíblica. Na obra *A doutrina cristã*, propôs várias regras de interpretação, incluindo a necessidade de compreender o significado literal do texto antes mesmo de explorar seu sentido espiritual (AGOSTINHO, 2011). Ele também introduz a noção de que as Escrituras deveriam ser interpretadas à luz da regra de fé (*regula fidei*), ou seja, das doutrinas centrais da igreja (AGOSTINHO, 2011, p. 89).

Esses princípios hermenêuticos de Jeronimo e de Agostinho influíram diretamente nos reformadores e pré-reformadores protestantes que, acima de tudo, desejavam o retorno às fontes originais da fé cristã, rejeitando as tradições e interpretações alegóricas acumuladas ao longo dos séculos. Isso pode ser visto através de João Wycliffe, que “criticou os dogmas do cristianismo medieval, rejeitou as cerimônias religiosas que não tinham base bíblica, negou a eficácia da missa, condenou a transubstanciação e ensinou a salvação pela graça mediante a fé” (ANGLADA, 2006, p. 66).

1.4 A Reforma Protestante e o estabelecimento do método

A Reforma Protestante foi uma virada no desenvolvimento do método. Martinho Lutero e João Calvino adotaram um viés literal e gramatical das Escrituras, se opondo à interpretação alegórica que reinava na teologia medieval. Lutero foi enfático contrariando o alegorismo, o qual considerava uma forma de deturpação bíblica (ZUCK, 1994, p. 52).

Lutero ensinou a clareza e acessibilidade da bíblia, e esta como fonte e base do conhecimento, e que seu estudo deveria alicerçar-se na gramática, o contexto histórico e a intenção original dos diferentes autores, tudo isso sob a guia da fé e da iluminação do Espírito (VIRKLER, 1987, p. 48). Também enfatizou a importância do entendimento das línguas originais (hebraico e grego) para fazer uma interpretação acertada (ANGLADA, 2006, p. 83). Por sua parte, Calvino defendeu o método afirmando que existiam regras gramaticais e históricas de interpretação bíblica que deviam ser usadas, além da necessidade de realizar esse exercício com reverência e atenção a cada detalhe literário e contextual. Ele mesmo vai dizer: “o trabalho de quem interpreta se baseia em

declarar e descobrir o pensamento do autor, e se não proceder assim, se desvia de seu objetivo e sai um pouco de suas atribuições” (CALVINO, 2001, p. 10).

Aos poucos, o método histórico-gramatical foi se consolidando na escola protestante, a qual sistematizou o viés hermenêutico adotado pelos reformadores. Ela combinou a rigorosidade acadêmica da exegese bíblica com a fé evangélica, na procura de uma interpretação fiel do texto e da intenção dos autores (COELHO, 2014, p. 69).

Tal modelo exegético impactou fortemente no cristianismo protestante e modelou a forma de interpretar as Escrituras até hoje. O método ainda é uma ferramenta fundamental na interpretação de muitas denominações cristãs, valorizando a clareza do texto e a procura da verdade teológica contida no texto sagrado (COELHO, 2014, p. 81).

Ao longo da história, a importância do método histórico-gramatical é inquestionável no que diz respeito à preservação da doutrina cristã. Sem esse tipo de perspectiva de leitura da bíblia, que valoriza o contexto social e histórico, e que pergunta sobre as intenções originais dos autores bíblicos, há muito tempo que as falsas doutrinas teriam deturpado a mensagem do evangelho da cruz. Como complemento desse olhar histórico, a continuação se realiza a descrição técnica do método, para depois fazer uma aplicação prática.

2. DESCRIÇÃO DO MÉTODO. ELEMENTOS CHAVE DO MÉTODO HISTÓRICO-GRAMATICAL. PASSOS DO MÉTODO

Esse método se baseia em três fases principais, cada uma desenvolvida nos subtemas anunciados entre parêntesis: observação (texto), interpretação (contexto e tradução) e aplicação (análises e síntese) (MUELLER, 2008, p. 281-282).

- **Observação:** é o primeiro contato com o texto, e basicamente se reduz a perguntar o que ele diz.

- **Interpretação:** essa fase procura entender o que o texto quer dizer no seu contexto original. Aqui é indispensável o estudo do transfundo histórico, linguístico e cultural, assim como a crítica textual para assegurar que o texto que está sendo interpretado seja o mais próximo possível ao original.

- **Aplicação:** uma vez que o significado tenha sido compreendido, os princípios extraídos do texto podem começar a aplicar-se para o tempo atual.

2.1 Estabelecimento do texto

O primeiro passo é conhecer e delimitar o texto que será estudado, o que inclui:

- **Visão geral:** se familiarizar com as palavras e com a linha de pensamento da passagem, observando a argumentação utilizada. Se examina o que o texto diz em concreto, sem tentar nenhum tipo de interpretação. Para isso é necessário se familiarizar com o texto no idioma original e em diversas traduções. O objetivo é atingir todo o conhecimento possível sobre seu conteúdo e captar as ideias principais. Contém perguntas como quem, que, quando, por que e como.

Elementos literários, como por exemplo, as palavras chave e as figuras literárias utilizadas, poderão ser também de suma importância, assim como a disponibilidade para mudar o entendimento prévio da passagem, caso seja necessário, observando desde diferentes pontos de vista (KUNZ, 2008, p. 198-199).

- **Delimitação do texto:** identificar a unidade de pensamento da passagem (perícope). As bíblias modernas já dividem os textos em perícopes, porém, não sempre tais divisões são adequadas: podem quebrar a unidade textual ou manter assuntos diferentes dentro da mesma delimitação (Ibidem, p. 199). Então, a estratégia proposta é reconhecer quais elementos indicam o início da perícope, os que indicam seu final e os que são constantes ao longo dela.

Elementos que indicam o início de uma perícope: tempo, espaço, personagens, argumento, anúncio do tema, título, vocativo, novos destinatários, fala de novo personagem, mudança de estilo. Elementos que indicam o final de uma perícope: personagens, espaço, tempo, saída de um personagem, ações decorrentes do texto narrado, ruptura do diálogo, comentário do narrador, sumário do autor. Elementos que aparecem ao longo da perícope: ação, campo semântico, intercalação de acontecimentos, quiasmos (KUNZ, 2008, p. 200-201).

- **Crítica textual:** como sabido, esta é a disciplina encarregada de restaurar, através do estudo das variantes textuais, o texto original. A quantidade de variantes do AT não é muito ampla; já do NT existem bastante variações, pois os manuscritos eram feitos por escribas amadores, por causa da perseguição que a igreja estava sofrendo. As traduções que ainda permanecem pertencem à época medieval, pois as velhas versões gregas desapareceram. Assim, para reconstruir o texto, é bom desenvolver uma nova tradução ou utilizar as antigas citações cristãs.

Outra ferramenta da crítica textual são as evidências externas e internas. As externas são: a variante com confirmação mais antiga, a mais difundida e a que tenha sido considerada mais confiável (alto grau de semelhança entre as versões). As evidências internas utilizadas são: leitura curta com mudanças deliberadas (preferência à omissão do que a acrescentar), leitura diferente de passagem paralela (eliminação de contradições) e leitura original que explique a origem das outras (KUNZ, 2008, p. 201-202).

2.2 Contexto

O contexto é essencial para uma correta interpretação do texto, e precisa ser analisado em três níveis:

- **Contexto histórico:** quem foi o autor, a ocasião específica, a audiência, o local, as circunstâncias em que foi escrito, situação que o originou, tema, ênfase e propósito. Ferramentas úteis para este trabalho podem ser as introduções bíblicas, dicionários, enciclopédias e comentários. A ideia é reconstruir o mais fielmente possível a situação histórica em que o texto teve lugar o mais exato possível (KUNZ, 2008, p. 203).

- **Contexto literário:** aqui se busca analisar a localização da passagem dentro do seu livro e como está conectada com as passagens que a precedem e a antecedem. Ou seja, é necessário o entendimento de tais perícopes, além do contexto maior (capítulo ou livro), para desvendar aquilo que o autor quis dizer através da maneira em que organizou os fatos (FEE, 2008, p. 39), pois “o texto é compreendido como fazendo parte de um todo maior, e se procura sua relação exata para com esse todo” (MUELLER, 2008, p. 284).

• **Contexto cultural:** devem ter-se em conta os costumes, crenças, instituições e valores da época em que o texto foi produzido, o qual é fundamental para evitar anacronismos e más interpretações. A isso deve ser acrescentada a necessidade, na análise bíblica, de “esvaziar as mentes de todas as ideias, opiniões e métodos modernos e procurar transportar-se para a época e o ambiente em que viviam os apóstolos e os profetas que a escreveram” (KUNZ, 2008, p. 204). Segundo Roy Zuck, existem 15 fatores culturais para ter em conta ao se analisar neste item: pensar (crer), falar, agir, produzir, política, religião, economia, leis, agricultura, arquitetura, vestimentas, vida doméstica, geografia, organização militar, estrutura social (ZUCK, 1994, p. 92-103).

Adicionalmente a tudo isso, o mesmo autor acrescenta três etapas para constatar a transcendência dos costumes bíblicos: o costume tem um significado diferente na atualidade? Se for diferente, qual é o princípio permanente que o norteia? Este princípio pode ser expressado através de um equivalente cultural? (ZUCK, 1994, p. 110).

2.3 Tradução

Este passo consiste na “transposição de determinada composição de uma língua para outra” (GEISLER, 2021, p. 571), focando em quatro metas específicas: a exatidão, onde o leitor da tradução precisa receber a mesma mensagem do documento original. A idoneidade, pois a tradução deve expressar a atitude e intenção do autor. A naturalidade, que é o uso de uma linguagem comum para o leitor. E o formato, onde o original precisa refletir a estrutura do texto de origem, se for possível, sem afetar as outras três metas (ELLIOTT, 1998, p. 146-147).

2.4 Análises linguísticas

Estas análises têm a ver com os elementos gramaticais e do conteúdo do texto, e o intuito é o de extrair toda a informação relevante que possa estar contida nele. São seis tipos: léxica, morfológica, estilística, sintática, literária e teológica.

A análise léxica cuida do estudo do uso e significado das palavras no contexto bíblico, dentro da passagem específica, na bíblia inteira e, se for possível, em outros textos da mesma época. Se dá especial atenção às palavras

chave e aquelas que possam ter um significado teológico especificado dentro do texto. São três os passos básicos para esta análise: a) isolamento das palavras importantes da passagem que precisam estudo especial, b) estabelecer o campo de significado das palavras importantes em seu contexto presente, c) analisar o contexto com cuidado para determinar qual significado é o mais provável na passagem da exegese (FEE, 1992, p. 76-77).

A análise morfológica, pela sua vez, examina a forma gramatical das palavras e como sua flexão afeta seu significado no contexto. Isso inclui o estudo dos tempos verbais, gêneros, casos, e todos os outros aspectos gramaticais. A intenção é “entender as palavras na sua relação com as palavras mais próximas, compreender o significado das frases [...] para que se chegue à compreensão de todo o parágrafo ou período estudado” (MUELLER, 2008, p. 283-284).

A análise estilística investiga as figuras literárias que o autor utiliza para lhe brilho e vivacidade ao texto. Entre as figuras retóricas mais comuns estão o paralelismo, o quiasmo e a hipérbole (KUNZ, 2008, p. 211-213).

A análise sintática examina como as palavras se relacionam entre si dentro de uma oração e como ditas orações se conectam entre si dentro do discurso. Esse passo ajuda a desvendar a estrutura lógica do texto. A diferença da análise morfológica, onde se estuda a forma (flexões, gênero, número, tempo, etc.), a sintaxe estuda os tipos de palavras e sua relação lógica. Como tipos se entende sujeito, verbo, adjetivo, advérbio, conjunção, e também proposições, frases, orações, subordinadas, e as conexões entre todas elas (KUNZ, 2008, p. 213).

A análise literária foca no tipo de texto que foi produzido, ou seja, a qual gênero literário pertence. Roy Zuck apresenta alguns dos diferentes gêneros literários da bíblia e suas subdivisões: jurídico, narrativo (tragédia, épica, romance, heroico, sátira, polêmica), poesia (lamentação, louvor, hino), literatura sapiencial (proverbial, reflexiva), evangelhos, discurso lógico (expositivo, exortativo), literatura profética (apocalíptica). Saber reconhecer o gênero literário de um texto impedirá que nele se procurem informações que nunca foram o alvo do autor (ZUCK, 1994, p. 148-156).

A análise teológica parte do viés doutrinário das Escrituras, as quais são o centro dos estudos teológicos. Assim, o intérprete precisa identificar o tema teológico inerente à perícopes que está sendo analisada. Dez são os temas teológicos que Claiton Kunz lista: bibliologia, teologia própria, cosmologia, antropologia, hamartiologia, cristologia, soteriologia, pneumatologia, eclesiologia e escatologia (KUNZ, 2008, p. 217).

2.5 Síntese

Quando as fases anteriores (texto, contexto, tradução e análises) são completadas, se efetua uma síntese de todas as observações e descobrimentos gramaticais, históricos, culturais e teológicos do texto. Então, se procede a finalizar o processo com os últimos três passos propostos por Claiton Kunz, que são correlação, atualização e aplicação (KUNZ, 2008, p. 218-221).

Na correlação, o intérprete define as relações existentes entre os versículos ou verdades que encontrou. Pode fazer isso por meio de referências (de palavras ou textos), esboços ou gráficos, sempre com a intenção de comparar entre si as diferentes ideias extraídas do estudo.

Na atualização se formulam os princípios encontrados na perícopes, a qual pertence a um contexto muito diferente, de maneira a aplicá-los a situações contemporâneas. O processo exegético deve extrair a lição central do texto em um alto grau de exatidão para levar o leitor atual a experimentar as mesmas emoções dos ouvintes originais (FEE, 2008, p. 133). Para complementar essa ideia, Roy Zuck adverte sobre dois cuidados na hora de atualizar um texto: esses princípios devem ser extraídos do próprio texto, e ditos princípios não podem contradizer as demais Escrituras (ZUCK, 1994, p. 333). E ainda Mueller acrescenta sobre o intérprete cuidar para não manipular as conclusões, ou seja, não ter medo de ser confrontado por elas (MUELLER, 2008, p. 288).

A aplicação é a culminação do processo, quando o texto se traduz em ensinamentos e práticas relevantes para a vida moderna. Como o objetivo do ser cristão é transformar o caráter, o conhecimento adquirido deve ser colocado em prática. Claiton Kunz propõe cinco passos, que podem realizar-se ao decorrer de todo o processo: a) observar o que pode e deve ser feito ou evitado, b) seguir as regras de interpretação, c) ser seletivo sem querer abranger tudo de uma vez,

d) ser específico assumindo o assunto como algo pessoal, e) formular a aplicação tão extensamente quanto seja necessário, e que possa ser avaliada. Também é sugerida a prestação de contas (KUNZ, 2008, p. 220-221).

3. APLICAÇÃO DO MÉTODO

Por causa do pouco espaço com que se conta neste artigo, em lugar de utilizar uma períclope completa se optou por estudar somente um versículo, Lucas 11.29: “E aglomerando-se as multidões, ele começou a dizer: Esta é uma geração perversa; eles pedem um sinal, mas nenhum sinal lhes será dado, senão o sinal do profeta Jonas” (BÍBLIA KING JAMES, 2017, p. 1456).

3.1 Observação do texto

• **Visão geral.** O texto original em grego de Lucas 11.29 é: Τῶν δὲ ὄχλων ἐπαθροισμένων ἤρξατο λέγειν “Ἡ γενεὰ αὕτη γενεὰ πονηρά ἐστιν· σημεῖον ζητεῖ, καὶ σημεῖον οὐ δοθήσεται αὐτῇ εἰ μὴ τὸ σημεῖον Ἰωνᾶ. E uma tentativa de tradução poderia ser: “Mas as multidões se ajuntando, começou a dizer: A geração, esta geração, má é. Um sinal ela pede e um sinal não lhe será dado se não o sinal de Jonas”. A continuação se apresentam os termos mais importantes do versículo e algumas das traduções utilizadas em diferentes versões bíblicas em português.

Grego original	João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida	Nova Versão Internacional	King James	Bíblia de Jerusalém
ὄχλων (nome, gen., masc., pl.)	Multidão	Multidão	Multidões	Multidões
ἐπαθροισμένων (v, pres, part méd ou pass, gen, masc, 3 pl)	Ajuntando-se	Aumentando	Aglomerando-se	Aglomerassem
γενεὰ (nome, nom, fem, sing)	Geração	Geração	Geração	Geração
πονηρά (adj, nom, fem, sing)	Maligna	Perversa	Perversa	Má

σημεῖον (nome, acus, neut, sing)	Sinal	Sinal	Sinal	Sinal
----------------------------------	-------	-------	-------	-------

O quem é a geração que o ouvia; o que é que demandam um sinal de quem ele era; o quando receberão resposta é logo, quando Jesus for crucificado; o por que só receberão esse sinal é porque são perversos, e o como é vendo o Senhor se levantando do túmulo. Nesse texto, Jesus acusa a geração que o está escutando de ser má, perversa, maligna, e que o único sinal que vão receber da identidade de Jesus será o de Jonas, ou seja, o sinal que terão será ver ele morrer, permanecer no submundo por três dias, e logo se levantar mais uma vez à vida. O discurso que Cristo utiliza é direto, de viés escatológico e os acusando de serem pecadores.

- **Delimitação do texto.** Como já foi explicado, por causa de espaço somente se empregará um versículo, e não uma perícopes inteira.

- **Crítica textual.** O versículo em estúdio não apresenta maior variação nas diferentes versões, e é traduzido praticamente igual na maioria das bíblias em português e em outros idiomas. Kunz (2008, p. 203) recomenda o Novo Testamento Grego de Nestle-Aland como uma boa ferramenta que recolhe a variante mais antiga, difundida e confiável, mantém as omissões e evita as contradições. A continuação, o texto grego de Lucas 11:29 de Nestle Aland: Τῶν δὲ ὄχλων ἐπαθροισομένων ἤρξατο λέγειν Ἡ γενεὰ αὕτη γενεὰ πονηρά ἐστιν. σημεῖον ζητεῖ, καὶ σημεῖον οὐ δοθήσεται αὐτῇ εἰ μὴ τὸ σημεῖον Ἰωνᾶ (Nestle, 2012, p. 233).

Como complemento da crítica textual, se propõe a seguinte tradução própria dessa versão: “E aglomerando-se as multidões, ele começou a dizer: Esta é uma geração perversa; eles pedem um sinal, mas nenhum sinal lhes será dado, senão o sinal do profeta Jonas”.

3.2 Interpretação do texto

Nessa seção se estuda o contexto e a tradução.

- **Contexto histórico.** Lucas, o médico e quem dá o nome ao evangelho, é o autor. Cesareia é o lugar mais provável, enquanto Paulo estava preso e

Lucas contava com o tempo suficiente para coletar sua detalhada informação. A obra conjunta do evangelho de Lucas e o livro dos Atos está dirigida a Teófilo, um desconhecido por meio do qual Lucas se dirige ao mundo gentio da época (BARCLAY, 1955, p. 6). Lucas queria demonstrar aos leitores da época que a fé cristã se baseia em fatos históricos que devem entender-se como atos de Deus, e que por isso seus argumentos são racionais e dignos de confiança e credibilidade (WENHAM, 2003b, p. 188).

- **Contexto literário.** Para a seguinte análise literária do evangelho de Lucas se utiliza a divisão de perícopes realizada por Earle (2006, p. 419). O contexto maior é chamado “A viagem para Jerusalém – O ministério na Peréia” (9:51 - 19:27), e é a caminhada que Jesus realiza desde Betsaida até a capital de Israel. Começa com o Senhor reconhecendo que chegou a hora de se cumprir seu propósito, e termina com a entrada triunfal, quando é recebido como o Messias. Este périplo se caracteriza por muitos ensinamentos, parábolas e milagres, no que parece ser toda uma preparação dos discípulos para assumir as funções que terão após a partida do Senhor.

O contexto menor (9:51-13:21) é também a primeira parte do contexto maior, e termina com a parábola do fermento. Há um claro viés missionário e evangelístico nesta seção, em que destaca o constante confronto com os fariseus e o ensino permanente sobre como devem se comportar os verdadeiros servos de Deus. No contexto imediato anterior (11:14-28) é exigido a Jesus um sinal para demonstrar de onde vinha o seu poder para realizar milagres após ter libertado um endemoninhado, e no contexto imediato posterior (11:33-36), o Senhor ensina sobre a necessidade de ter olhos limpos, pois eles são a luz do corpo.

- **Contexto cultural.** Para o século I, Israel tinha sofrido inúmeras mudanças, misturas, exílios e retornos, pelo que não é um exercício simples tentar explicar as características sociais daquele território. Era uma época de grande pluralismo cultural, com pessoas, filosofias e políticas indo e vindo, e muitas vezes até se batendo umas com as outras.

No momento específico da perícopes analisada, o povo esperava ansiosamente o advento e manifestação do Messias prometido, e muitos já tinham se apresentado como tal, pelo que a afirmação de Jesus sobre sua

pessoa também não era uma novidade. O Senhor, na sua peregrinação até Jerusalém, era seguido por multidões que desejavam conhecê-lo e obter dele algum milagre, receber alguma resposta ou simplesmente observar alguma maravilha das que tanto se escutavam falar. Isso produz uma movimentação poucas vezes vista. Também, pela instabilidade religiosa e as constantes lutas pelo poder na região, “a estrutura política e religiosa dos judeus havia-se tornado muito rígida, como uma forma de proteger-se de ameaças externas” (COLEMAN, 1991, p. 243).

Um dos grupos mais atentos com as façanhas do Senhor era a elite religiosa, preocupada com a movimentação e a atração geradas por Jesus e com a probabilidade de ele ser o tão aguardado Messias que as sagradas Escrituras anunciavam. O medo dos escribas e fariseus radicava em dois pontos: por um lado, a influência que estavam perdendo diante do povo por causa dos ensinamentos do Mestre da Galileia, e por outro, quanto isto iria chamar a atenção de Roma, o poder político e militar que agiria de forma implacável se algum dos seus interesses estivesse em risco.

• Tradução

Texto em grego	Lexicográfica	morfologia	sintaxiologia	Apontamento teológico
ὄχλων	Multidões	Nome, gen, masc, pl	Sujeito	Cristologia, hamartiologia, escatologia
ἐπαθροισμένοι v	Sendo pressionados juntos (se ajuntando)	V, pres, part méd ou pass, gen, masc, 3 plural	Verbo	
γενεὰ	Geração	Nome, nom, fem, sing	Sujeito	
Πονηρά	Uma má	Adj, nom, fem, sing	Pred do suj	
σημεῖον	Um + milagre, sinal	Nome, acus, neut, sing	Obj dir	

Fonte: o autor, 2025, baseado no modelo do caleidoscópio exegético, dissertação de mestrado (RANGEL, 2024)

3.3 Aplicação

Nesse apartado se estudam as análises linguísticas e a síntese.

- **Análises linguísticas.** 1) Léxica. Sinal = milagre. Perversa = maligna, má. 2) Morfológica. Geração (γενεά) é um substantivo feminino singular no modo nominativo. 3) Estilística. Elipse relativa em que o nome é sugerido pelo verbo (BULLINGER, 1985, p. 68): “Mas as multidões se ajuntando, (Jesus) começou a dizer”. 4) Sintática. Esta geração (αὕτη γενεά). A geração presente que está escutando pessoalmente a Jesus. 5) Literária. Gênero maior: evangelho (WEGNER, 2009, p. 181-183). Gênero menor: discursivo, apocalíptico de correlação escatológica (WEGNER, 2009, 184-201). 6) Teológica. Cristologia, hamartiologia, escatologia.

- **Correlação.** Jesus está acusando àquela geração que o está ouvindo de serem maus, e que o único sinal que verão para validar a identidade do Senhor será sua morte e ressurreição.

- **Atualização.** Historicamente, todas as gerações da humanidade foram más. Diante disso, Jesus se apresenta como a única solução a toda maldade destruindo o pecado com sua morte e ressurreição. E essa é a maior prova da sua divindade.

- **Aplicação propriamente dita.** Todo ser humano, por natureza, é mau. Se você quer ser livre do seu pecado, aceite Jesus Cristo como Senhor e Salvador, pois ele demonstrou, com sua morte e ressurreição, ser o verdadeiro Filho de Deus que tira toda condenação das nossas vidas.

CONCLUSÃO

O método histórico-gramatical tem evoluído durante séculos, começando com os pais da igreja e atingindo seu cume na Reforma Protestante. Não admite as interpretações alegóricas, e está a favor da interpretação literal contextual da bíblia, respeitando sua gramática, seu contexto histórico e a intenção original de seus autores.

O objetivo desse método é compreender o significado claro das Escrituras e sua acessibilidade a todo leitor, evitando distorções teológicas e heresias que possam surgir de alegorias excessivas. Ele tem se estabelecido como alicerce

da exegese bíblica, a teologia cristã e a prática religiosa.

O método histórico-gramatical se distingue pelo foco rigoroso e sistemático de interpretação bíblica, ao considerar tanto o contexto original quanto os detalhes linguísticos. Ao seguir esse método, o intérprete não só entende o que o texto diz em seu contexto original, mas também é capaz de aplicar seus ensinamentos de maneira coerente e relevante no presente.

De maneira resumida, o procedimento do método histórico-gramatical está preocupado com as seguintes questões: o que o texto diz em seu contexto original, o que quer dizer de forma transcendente no tempo e o que quer dizer nos dias de hoje (KUNZ, 2008, p. 221).

Esse método, consolidado desde a Reforma Protestante, continua a ser uma ferramenta fundamental na exegese bíblica contemporânea, ao proporcionar uma base sólida para o estudo fiel das Sagradas Escrituras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. **A doutrina cristã**. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Introdução à hermenêutica reformada: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos**. Ananindeua: Knox Publicações, 2006.

BARCLAY, William. **Comentário do Novo Testamento: Lucas**. Glasgow: 1955.

BÍBLIA KING JAMES FIEL 1611 (BKJ). Niterói / RJ: BV Books, 2017.

BULLINGER, Ethelbet W. **Diccionario de figuras de dicción usadas en la Biblia**. Tradução por LACUEVA, Francisco. Barcelona: CLIE, 1985.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CALVINO, João. **Comentário de Romanos**. São Paulo: Fiel, 2001.

COELHO, Lázara Divina. **Os caminhos do método histórico-gramatical: uma perspectiva descritiva**. Goiás, 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Belo Horizonte: Betânia, 1991.

COMFORT, Philip Wesley. **El origen de la Biblia**. Carol Stream, Illinois: Tyndale House Publishers, 2008.

DOCKERY, David S. **Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva**. São Paulo: Vida, 2005.

EARLE, Ralph; SANNER, A. Elwood; CHILDERS, Charles L. **Comentário Bíblico Beacon: Mateus a Lucas**. Tradução Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

ELLIOTT, Raymond L. La traducción de la Biblia. In: COMFORT, Philip Wesley. **El origen de la Biblia**. Carol Stream, Illinois: Tyndale House Publishers, 2008,

p. 146-168.

FEE, Gordon D. **Exégesis del Nuevo Testamento. Manual para estudiantes y pastores.** Miami: Vida, 1992.

FEE, Gordon D., STUART, Douglas. **Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica.** São Paulo: Vida Nova, 2008.

GEISLER, Norman, NIX, William. **Introdução geral à Bíblia. Uma análise abrangente da inspiração, canonização, transmissão e tradução.** São Paulo: Vida Nova, 2021.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre história.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KAISER JR, Walter C., SILVA, Moisés. **Introdução à hermenêutica bíblica. Como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época.** São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

KUNZ, Claiton André. Método histórico-gramatical: um estudo descritivo. **Via Teológica.** Vol. 2, nº 16, p. 195-226. 2018.

MUELLER, Enio Ronald. O método histórico-crítico – uma avaliação. In: FEE, Gordon D., STUART, Douglas. **Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica.** São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 237-318.

NESTLE, Eberhard, NESTLE, Erwin. **Nestle-Aland Novum Testamentum Graece.** 28ª ed. Stuttgart: Bibelgesellschaft, 2012.

RANGEL, Rodrigo Mathias **Uma abordagem metodológica para a análise textual bíblica com base na funcionalidade do caleidoscópio, exemplificado em Efésios 6.10 e Esdras 7.10.** Dissertação (Mestrado Profissional) - Faculdades Batista do Paraná, Curitiba, 2024 Bibliografia: f. 89-93.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica.** São Paulo: Vida, 1987.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. 6.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

WENHAM, G.J.; MOTYER, J.A.; CARSON, D.A.; FRANCE, R.T. **Nuevo Comentario Bíblico Siglo Veintiuno. Nuevo Testamento**. Mundo Hispano, 2003b.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1994.